

POÉTICAS DO COMBATE: O GESTO PEDAGÓGICO DO ATAQUE E DEFESA
COMBAT POETICS: THE PEDAGOGICAL GESTURE OF ATTACK AND DEFENSE
POÉTICA DE COMBATE: EL GESTO PEDAGÓGICO DE ATAQUE Y DEFENSA

Gelson Antonio Lopes Júnior¹ 0000-0002-5129-7401
Renata de Camargo Pinto Rocha Lima² 0000-0001-8215-9776
Jean da Silva Menezes³ 0000-0002-8034-8757

¹Universidade Federal de Pernambuco – Recife, Pernambuco, Brasil;
rajneeshkim184@gmail.com

²Universidade Federal de Pernambuco – Recife, Pernambuco, Brasil; recriatos@gmail.com

³Universidade Federal de Pernambuco – Recife, Pernambuco, Brasil;
jismenezes2@hotmail.com

RESUMO:

O presente artigo trata dos limites do gesto educativo das artes marciais na contemporaneidade que se dá na relação entre mestres e pupilos. A proposta busca problematizar o gesto da arte marcial, extraindo os exercícios de ataque e defesa do solo categórico para a atmosfera existencial. Neste clima, revelamos a necessidade do tom poético, trabalhado neste texto ao colocarmos em conversa os gestos do corpo vibrátil (Rolnik, 2021), da intuição (Nietzsche, 1992), do proteiforme (Dorlin, 2020) e, dentre outros, de esquiva (Bey, 2018). Apresenta como objetivo central: compreender as contribuições dos gestos supracitados na direção do gesto pedagógico destituído invisibilizado nas artes marciais, nos encaminhando para o que nelas se encontra em jogo. O artigo foi construído com apoio do *caminho* indicativo-formal. Os resultados demonstram a necessidade de um olhar mais sensível a respeito do estado de coma, e da falta de acolhimento deste caminho desterritorializante, onde o gesto primordial do artista marcial é o de exceder fronteiras sociais, pedagógicas, curriculares, humanas ou formativas.

Palavras-chave: arte marcial; defesa-ataque; gesto pedagógico.

ABSTRACT:

This article deals with the limits of the educational gesture of martial arts in the contemporary world that takes place in the relationship between masters and pupils. The proposal seeks to problematize the gesture of the martial art, extracting the exercises of attack and defense from the categorical ground to the existential atmosphere. In this climate, we reveal the need for a poetic tone, worked on in this text when we put into conversation the gestures of the vibrating body (Rolnik, 2021), of insight (Nietzsche, 1992), of the proteiform (Dorlin, 2020) and, among others, of avoidance (Bey, 2018). It presents as a central objective: to understand the contributions of the aforementioned gestures towards the pedagogical gesture made invisible in the martial arts, leading us to what is at stake in them. The article was built with the support of the indicative-formal *path*. The results demonstrate the need for a more sensitive look at the state of coma, and the lack of acceptance of this deterritorializing path, where the primary gesture of the martial artist is to exceed social, pedagogical, curriculum, human or formative boundaries.

Keywords: martial arts; defense-attack; pedagogical gesture.

RESUMEN:

Este artículo trata de los límites del gesto educativo de las artes marciales en la época contemporánea que se da en la relación entre maestros y alumnos. La propuesta busca problematizar el gesto del arte marcial, extrayendo los ejercicios de ataque y defensa del terreno categórico al ambiente existencial. En este clima, revelamos la necesidad de un tono poético, trabajado en este texto poniendo en conversación los gestos del cuerpo vibrante (Rolnik, 2021), de la intuición (Nietzsche, 1992), del proteiforme (Dorlin, 2020) y, entre otros, de evitación (Bey, 2018). Su objetivo central: comprender los aportes de los gestos antes mencionados hacia el gesto pedagógico invisibilizado en las artes marciales, conduciéndonos a lo que está en juego en ellos. El artículo fue construido con apoyo del camino indicativo-formal. Los resultados demuestran la necesidad de una mirada más sensible al estado de coma, y la falta de aceptación de este camino desterritorializador, donde el gesto principal del artista marcial es superar los límites sociales, pedagógicos, curriculares, humanos o formativos.

Palabras clave: arte marcial; defensa-ataque; gesto pedagógico.

Um lutador [...] enfrenta a realidade, e não a cristalização da forma. A ferramenta é uma ferramenta da forma disforme (Lee, 2003, p. 37).

Se quiserem, podem meter-me numa camisa de força, mas não existe coisa mais inútil que um órgão. Quando tiverem conseguido um corpo sem órgãos, então o terão liberado dos seus automatismos e devolvido sua verdadeira liberdade (Artaud, 1983, p. 161).

Cena iniciática: um contexto pedagógico nas artes marciais

Em 28 de setembro de 1984, estreou no Brasil *Karatê kid: a hora da verdade*. Ele conta a história de um jovem, Daniel Larusso, que busca no karatê a solução de seus problemas sociais. A saber, Daniel era vítima de constantes bullyings efetuados por jovens da escola Cobra Kai, seguidores do lema *ataque primeiro, com força e sem piedade*. Na trama, Daniel é resgatado por um mestre de karatê que se nega a ensiná-lo a lutar.

Sr. Miyagi é um imigrante nos Estados Unidos da América (E.U.A.), que fidelizou sua presença neste país se alistando no 442º regimento, formado estritamente por nipo-americanos que lutaram na Segunda Grande Guerra. Sr. Miyagi foi interpretado por Noriyuki Pat Morita, descendente de japoneses em solo americano que teve a dura experiência de habitar em um campo de concentração neste país. Sr. Miyagi é expressão de um mestre de karatê, condecorado neste regimento, vivendo seus traumas como funcionário de serviços gerais em um condomínio que, neste contexto, conhece seu futuro pupilo.

Para Sr. Miyagi *o karatê é usado apenas para defesa*. No entanto, devido à insistência,



não apenas do Daniel Larusso para que lhe ensinasse a se defender, mas também para que não perdesse a vida, Miyagi o acolhe como pupilo. Para a surpresa deste, seu mestre não o ensinou a lutar (essencial para o seu momento crítico).

Na vizinhança do campo da “*educação para a vida* ou para a arte de bem viver” (Gohn, 2005, p. 99), no horizonte da educação/currículo não formal, ele lhe instruiu a partir de exercícios domésticos, como pintar o cercado, encerrar o chão, bater um prego, e muitas outras atividades notoriamente distantes de uma escola convencional de artes marciais, com o adendo de *para-cima-e-para-baixo, para-dentro-e-para-fora*. Mesmo surpreso, o pupilo seguiu as determinações do mestre até se irritar por não enxergar o karatê nas atividades. A saber, Daniel necessitava urgentemente aprender socos e pontapés, e, no entanto, via apenas tintas, ceras e pregos.

Por sua vez, Sr. Miyagi viu a oportunidade de lhe ensinar karatê, e não socos e pontapés. Para o mestre, karatê é para a vida. Essa relação com a vida não foi compreendida, e Sr. Miyagi, num surto de indignação frente a desistência do pupilo começa a mostrar que nas atividades “domésticas” ele já estava aprendendo as defesas. Após este episódio, Daniel aceita as atividades, antes absurdas. A questão posta é que agora Daniel aprende karatê, aprende a se defender mesmo em atividades ordinárias, como lavar dezenas de carros. Ao aprender a se defender, Daniel resolve seus problemas.

Um detalhe nesta primeira película está na relação entre karatê para a vida, e, karatê para defesa, em detrimento do karatê para ataque, para luta. Ao ensinar karatê para a vida, Sr. Miyagi não estava preocupado em expor diretamente as técnicas de defesa dessa arte. Assim, tendo por foco as atividades ordinárias da vida, Daniel foi iniciado a uma mobilidade própria da vida mesma. Para nós, ao atender as necessidades pugilistas do pupilo, Sr. Miyagi fracassa no seu ensinamento, desdobrando uma série de incompreensões que o coloca junto com seu discípulo na ostentação da defesa.

Karatê kid prossegue numa trilogia que se encerra em 1989. Em 2 de maio de 2018, 29 anos depois, os personagens dessa película retornam, já amadurecidos, na web série Cobra Kai. A questão perdura: karatê é para defesa, ou, para ataque? Nossa leitura, com estas linhas, busca dar ênfase ao fracasso do Sr. Miyagi. *A hora da verdade*, o tempo da verdade foi sobreposto às técnicas de defesa. Não obstante, de qual verdade se trata, e, qual temporalidade está aí implicada?

Como estratégia, a partir de breves descrições do praticante marcial, buscaremos expor *verdade e técnica*, desde já, no arcabouço conceitual da Suely Rolnik, concomitantemente

com as potências de resistência e de criação. Nessa direção, não trataremos de uma arte específica como o karatê, contudo modelaremos com ela, não a noção de arte marcial, mas seu exercício.

No segundo momento, tendo conquistada a compreensão da arte marcial enquanto poética do combate, descreveremos pedagogicamente como se dá o combate na introvisão do Nietzsche. Com estas duas alavancas transversais ao próprio termo *arte marcial*, nos aproximaremos diretamente destas palavras com Hakin Bey, e, no terceiro momento com Elsa Dorlin, Chögyam Trungpa, e, Deleuze e Guattari. Com eles, nos aproximamos da palavra para nela abrirmos a possibilidade, não de ressignificação terminológica, mas do gesto enquanto *postura de resistência*¹.

O panorama que buscamos, consiste em tecer uma escritura no refúgio, sem exceções, dos pares opositivos ou dialéticos, utilizando posturas de resistência norteadas prioritariamente pelos meditantes mencionados, além de Heidegger, Foucault, Larrosa e Han. Os gestos do pesquisador indicial consistem em abrir mão do que é familiar; recusar generalidades, deixando de lado um pensamento técnico-exegético; rememorar o impensado na tradição; e, repetir a postura acolhedora, por residirmos, ao mesmo tempo, na compreensão e na obscuridade (Lopes, 2020).

Assim, expirando, o próximo passo consiste em inspirar os detalhes que não estão subordinados às generalidades, tecendo um movimento que perfaça a mobilidade própria da vida, seu ir-e-vir entre o extraordinário e o ordinário. Apenas possível se mirarmos o artista marcial como habitante da travessia de um gesto pedagógico em um tempo, espaço e currículo não lineares, dentro de uma mobilidade alética, e não adequada.²

Nesse horizonte, mobilizamos palavras fora da orientação do pai da lógica, abrindo o canto da terra (Heidegger, 1998). Não é possível ouvirmos o canto posicionados como viventes que têm linguagem, “tomando como elemento determinante” a língua e não a vida (Agamben, 2022, p. 33). Nas cercanias de nossa questão, para ouvimos a verdade em um tempo diverso, abrimos uma crítica-kayrológica, aproximando-nos da “vida como

¹ Tomamos uso do neologismo *resistência* do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, exposto em uma aula inaugural da Puc-Rio (2019) (cf. Castro, 2016). Com a expressão *postura*, salientamos que não tratamos de categorias ou noções, mas, de gestos, meditações ou exercícios. Nessa direção, conjugamos as expressões *postura de resistência* para nos distanciarmos do tratamento dos autores como referenciais teóricos. Ressoamos esta atmosfera designando-os ao longo deste artigo como *meditantes* (ponto de vista do Heidegger), ou enquanto *guerrilheiros ontologistas* (ponto de vista do Bey). É nesta atmosfera, que lemos o exercício das artes marciais enquanto espaço de existência, zona autônoma temporária, ou corpo vibrátil... em torno dos quais rumamos ao gesto pedagógico, que escapa aos contornos humanos.

² Disponimos o “gesto pedagógico”, buscando um outro caminho na programática estrita do currículo artístico marcial, zelado ao longo do texto, à título de exemplo, através da introvisão e não da intelecção.

experimentação, variação, devir”, mas também “errância, heterogênese, resistência, criação de possíveis” (Pelbart, 2019, p. 26). Dessa forma, colocando em ruína as fronteiras da linguagem, privando-a como meio em direção a um fim, mobilizamos palavras puras, vitais...

Nas artes marciais, há palavras fundamentais em exercício como, a título de exemplo, o *taegeuk* para os coreanos, desdobrado em vários elementos (o céu, o fogo, vento...), ou, *lung-ta* para os tibetanos, transfixando alguns animais (tigre, garuda, dragão...). Aqui, como meditantes, buscamos aprender a narrar estas palavras, assim como aprender a herdar suas consequências. Uma destas consiste no caso de não pertencer ao humano. Notadamente, quando restrita ao humano, gera-se um esquecimento da palavra que se inicia ao separá-las da boca, cisão entre corpo e mente, entre ataque e defesa, mestre e discípulo. É a história desse esquecimento, a qual excede fatos e ideologias, que buscamos dispor.

A saber, Heidegger nos alertou sobre o viés de palavras e comportamentos adequativos que se estendem de Platão à Hegel, e que derivam de palavras originárias e posturas aléticas jogadas às urtigas, ao esquecimento. É necessário, portanto, rememorar as posturas aléticas dos pensadores originários (Heráclito, Anaximandro...), onde encontra-se em jogo um “abrigo” no qual “vigora a luta” (Heidegger, 1998, p. 25). Coloquemos outros lutadores neste abrigo para respirar.

Arte marcial: criação e resistência

Segundo dia de aula. Ali está a área de treino, limpa como sempre. Nela, disponho meus equipamentos, olho o relógio e vejo que ainda tenho tempo antes da aula começar. Isto me agrada, já que guardo o ensinamento de chegar antes a fim de organizar o ambiente, ou de me colocar nele, treinando sozinho. Para evitar inconvenientes, checo tudo. Mesmo que tudo esteja perfeito, é bom melindrar-se.

Tomando em mãos um bastão, escutando o ranger do piso e vendo uma pintura das coreografias marciais me posiciono num “exercício empírico”, que sempre me representa a existência formal de tudo que toco, vejo ou escuto. Há todo um mundo no qual percebo uma infinidade de formas, diante das quais me oriento *simplesmente* nas formas sensíveis do espaço e do tempo (Rolnik, 2017, p. 02).

De forma simples, tudo neste exercício se dá numa linha, sobre a qual atravessamos, em linguagem kantiana, ou não: epistemologicamente do noumeno ao fenômeno; pedagogicamente da minoridade à maioria; ontologicamente do não-ser ao ser; e, poieticamente do não-vigente ao vigente num movimento de produção, de desvelamento.

Nessa confecção artesanal, levamos, querendo ou não, as quatro causas que a tradição nos dispôs: *Causa/cadere/cair* compreende um ritmo, uma sequência que determina que algo *caia* num resultado (Heidegger, 2010). Vejamos...

O bastão (causa formal) que tomo em mãos é de madeira (causa material), tem a finalidade (causa final) de manter os adversários à distância, e, sem defeito algum encontra-se pronto, realizado (causa eficiente) pelo artesão. A cadência é muito geral, e igualmente muito específica. Para chegar na academia, dependendo da situação, eu preciso de um veículo. Se um ônibus, eu preciso saber do horário, e para não atrasar, preciso igualmente adiantar atividades como me banhar, me vestir, e me alimentar... há todo um passo a passo, um ritmo a ser cumprido para se chegar na academia.

Há sempre meios para um fim nos indicando que não há como saltar etapas sem nos depararmos com impossibilidades e consequências – ou, o que seria do bastão sem a causa material? É importante lembrar que a pro-dução não é independente. Ela é direcionada, politizada, atende certas necessidades e grupos sociais, na medida em que outros são decididamente varridos do horizonte. A percepção não se dá fora da história (Adorno, 2002)! No canto da sala há uma forma arcaica própria do praticante marcial, uma foice. Ela foi deixada ali no canto como lembrança distante, assinalando formas de vida e setores da economia de uma época jogados às urtigas. Anacronicamente ou não, numa existência como a nossa, marcada pelo fenômeno urbano, global e capital, os mundos se multiplicam numa velocidade progressivamente alucinante. Para tanto, é necessária a criação ininterrupta de novas esferas de mercado, assim como a obsolescência das formas.

Geralmente, não temos tempo de absorver as novidades. Nessa ausência de tempo, como percebedor, não me encontro no processo de percepção. O percebedor não mais se encontra no processo, que agora é substituído: a reflexão pelo clichê; o sujeito pela engrenagem da indústria. O esquema presente entre o sujeito e o mundo é expropriado. O sujeito é substituível, conforme sua adequação ou não, no esquema da produção/do mercado. Em outros termos, não mais nos formamos por sermos *informados*. Não temos mais acesso direto às formas, fato decorrente de um alaúde informacional.

Independentemente de reapropriar-se ou não da potência criativa, o ponto que desejamos erguer, aqui, encontra-se na produção ou reprodução de recortes arbitrários e aniquilamento sistemático de outras formas de viver, agir, pensar... que buscam definir “formas de comportamento que demandam uma *amplitude temporal* ou uma *visibilidade ampla*. Ele demanda o curto prazo e oculta o *longo [Lange]* e o *lento [Langsame]*” (Han,

2018, p. 45). Contudo, não nos direcionamos apenas às formas que excluem formas, ou, às formas que incluem outras formas. Afinal, “um lutador [...] enfrenta a realidade, e não a cristalização da forma. A ferramenta é uma ferramenta da forma disforme” (Lee, 2003, p. 37).

A partir da Suely Rolnik, acentuamos outra direção/potência. Com isto, ressaltamos que o recorte ou o apagamento de formas consideradas arcaicas, ultrapassadas ou abjetas, “decorrem de acidentes que não são objetos de deliberação e escolha por parte desses sujeitos, por assim dizer. Afinal, esses modos de existir são, por um lado, acometidos por *forças*, [...] pouco *percebidas* socialmente, ao distenderem essa figura chamada sujeito sobre a qual a modernidade se instaurou” (Pagni, 2017, p. 145, destaques nosso).

Na direção da *possibilidade* poética sentimos o seu ocultamento, isto porque nossa sensibilidade não aciona apenas a percepção. As sensações também são acionadas por ela, colocando-me, segundo Rolnik (2003, p. 02), num “exercício intensivo”. Nele, o mundo não se apresenta como *forma*, mas como *força* responsável por trazer o outro em carne viva.

Aqui, colocamo-nos em outro exercício, onde a forma de proceder é colocada em xeque pela potência de resistência. Sobretudo, porque “as técnicas orientais” como as artes marciais, “tornaram-se estratégias de resistência, caminhos de sabedoria” (Gohn, 2005, p. 99). Deparamo-nos com a oportunidade de alargar perspectivas, derrubar normas, descongelar posturas/currículos, e subverter a hierarquia da eficiência do corpo.

No corpo, o praticante marcial lida com formas cadenciadas, conjuntos de procedimentos que variam de uma etnia para outra. De modo geral, como nos atesta Gomes (2012, p. 47) “arte marcial é um termo guarda-chuva que abriga e salvaguarda culturas marciais distintas, independente dos nomes que “recém” em seus locais de origem”. Nessa medida, a arte marcial é percebida, mas, aí também, ela é ocultada. Parafraseando a Suely Rolnik, assim como o corpo vibrátil, a arte marcial se encontra em estado de coma.

Ao invés disso, na nova cena, desaparece a alteridade diversificada própria do ecossistema sociocultural, e, em seu lugar, impõe-se os tais personagens das imagens de mundo *prê-à-porter* inventados pelo capital. A relação que se estabelece com esses personagens-de-imagem é a de uma devoração compulsiva, como que sob hipnose, sem qualquer avaliação de seus efeitos em nossa potência vital, na ânsia de sermos como eles. O que acontece, de fato, é que, nos deixamos devorar integralmente por estes seres imaginários. Resulta disso um processo de homogeneização generalizada, no qual a produção de diferença é abolida e, com ela, a possibilidade de devir outro. Toma corpo uma subjetividade muito mais seriamente anestesiada em sua capacidade vibrátil e, com isso, muito mais fortemente dissociada da presença viva do outro a constituir seu próprio corpo. Uma espécie de “antropofagia zumbi”: a vitoriosa atualização contemporânea do polo reativo do ideário modernista (Rolnik, 2021, p. 84).

Com ela, podemos vislumbrar outro afeto nas artes marciais não restrito às formas, distante da antropofagia zumbi, e que nos possibilita devir outro. Por um lado, temos o afeto artístico, a potência de criação, e, por outro, o afeto político, a potência de resistência. E assim, acolhendo este presente da Rolnik, as artes marciais podem compreender poéticas do combate, ou, em seus termos a criação do corpo vibrátil³ que nos expõe...

Uma economia das artes marciais: entre eficiência e dispêndio

De modo geral, as artes marciais são estudadas cientificamente, e isto determina, a título de exemplo, quais alimentos são necessários (nutrição), quais movimentos são essenciais (educação física), quais as técnicas são usadas para a recuperação de lesões (fisioterapia), ou, quais preceitos são cultivados (ética). Estes saberes, e outros mais, determinam o que temos e o que não temos de comer, fazer ou desejar. Esta economia das artes marciais ecoa um princípio tripartite inquestionável. Tal princípio foi denunciado por Sexto Empírico, e apropriado por Kant como algo incorrigível, necessário e perfeito: física; ética; e, lógica. O próprio Kant se inspirou nesta divisão, necessária e plena, para compor suas três críticas (Heidegger, 1998). Ele não está sozinho nesta empreitada. Michael Foucault estruturou a exposição da sua pesquisa em três eixos (verdade; poder; e moral), e, Martin Heidegger meditou a estrutura da cura com a facticidade, a decaída, e a existência. O que há neste princípio, que enquadra a totalidade da vida, aqui, das artes marciais? Vejamos com vagar...

De um ponto de vista pedagógico, há a relação professor(a) e aluno(a); há o conteúdo; e, por fim, há a transmissão. Nestas três aberturas, o(a) *professor(a) ensina* aos seus *alunos(as)* técnicas de *ataque e defesa*. Ensinar, nessa abertura, é sempre mostrar, performar, poetizar, macetear ou gestar. Há sempre uma iniciação. Mas, onde, de onde, e, para onde? Trata-se sempre de uma composição étnica de ataques e defesas, ou, apenas composições – *Ge-stell* (Heidegger, 2010)? Primeiro atacamos, e, depois defendemos? Invertemos esta ordem? Ou, elas seriam simultâneas?

Aparentemente não apenas enxergamos, mas, ouvimos algo, e depois não mais; nós aromatizamos, e depois não mais; nós sentimos o espinho na carne, e depois não mais. Somos transeuntes de coisas, ou, coisas nos atravessam? Tudo se passa na *certeza* de um fosso nítido entre nós e... seja lá o que for: um parente, um animal, um cisco no olho, ou mesmo “algo que

³ Trata-se, juntando-nos a estas palavras, de “uma capacidade sensível, na qual as forças do mundo atravessam o corpo em um processo de transformação permanente” (cf. Lima, 2015, p. 110).

(nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra” (Larrosa, 2022, p. 10). Por isso, nos primeiros dias de aula, é preciso atentarmos para três gestos de doação.

O primeiro gesto do professor tem a ver com uma operação temporal... é dar um tempo livre, indefinido e tranquilo (...) O segundo gesto do professor tem a ver com uma operação espacial... é dar um lugar a todo mundo e, ao mesmo tempo, exigir que esse lugar não seja uma posição, mas sim uma *disposição* (...) Finalmente, o terceiro gesto do professor tem a ver com uma operação material... é colocar algo sobre a mesa e fazê-lo dizendo: “isto é para vocês” (Larrosa, 2019, p. 37, *destaque nosso*).

É tomando como ponto de partida esses gestos de doação, ou seja, é dos começos e das *disposições* desses três gestos pedagógicos que o professor pode garantir sua presença, iniciar realmente uma aula, indiciar um caminho. Retomemos isto no âmbito do gesto pedagógico, entre ataque e defesa, onde “nossa experiência do educativo só nos acontece mediada ou enquadrada ou enjaulada” (Larrosa, 2022, p. 105) por operações de ordenação dentre outras.

O(a) professor(a) ensina um chute, cuja trajetória parte do chão (ponto A) até o baço (ponto B). Traceja-se um ponto de partida e um ponto de chegada, tal e qual um entendimento geométrico. A relação tripartite já se mostra ao crivo da *exatidão*, sob atmosferas matematizantes. Porém, Nietzsche (1992, p. 27) nos alerta que podemos ganhar muito “se chegarmos não apenas à inteligência lógica, mas à certeza imediata da introversão”. Numa introversão, encontra-se em jogo que,

em cada instante, a luz e a sombra, o doce e o amargo estão juntos e ligados um ao outro como dois lutadores, dos quais ora a um, ora a outro cabe a supremacia. O mel é, [...] simultaneamente, amargo e doce, e o próprio mundo é um jarro cheio de uma mistura que tem de agitar-se constantemente. Todo o devir nasce do conflito dos contrários; as qualidades definidas que nos parecem duradouras só exprimem a superioridade momentânea de um dos lutadores, mas não põem termo à guerra: a luta persiste pela eternidade afora [...] agons artísticos (Nietzsche, 1992, p.27).

Assim, a cada instante temos ataque e defesa juntos, temos A e B juntos. Para Nietzsche, *juntos* é o mesmo que instante. Pé na cara... entre o pé e o rosto não há distância, não há centímetros, mas, puro instante. Como compreender isto em uma prática marcial? Escutemos as inspirações de *outra voz!* Hakim Bey (2018, p. 11-18) em seu livro *TAZ: zona autônoma temporária* expõe seu anseio frente aos “controles políticos” e seus “agentes da simulação”. Diante deles, desenvolve seu desejo de que, no futuro, a mesma tecnologia usada para controlar e simular, cultive a liberdade, abrindo “zonas autônomas temporárias”. Trata-se, em seus termos, de uma “operação de guerrilha” para liberar um pedaço de tempo, de terra, de imaginação... e que logo se dissolve rumo a outro lugar, o suficiente para que práticas

de controle político não destruam as zonas.

As zonas são invisíveis, devido a sua dissolução, o controle político não consegue reconhecê-las. Nesse *acampamento de guerrilheiros ontologistas*, a técnica não é de simulação. Ela é substancial, exigindo de seus combatentes que ataquem e saiam correndo (bater e correr; atacar e defender, tocar e partir). Nesta guerrilha, afirma-se que a *invisibilidade* é a defesa na arte marcial, e, a *indestrutibilidade* é uma arte oculta dentro das artes marciais. Para ele, se possível, é preciso que tanto o ataque quanto a defesa sejam *esquiva*. À sombra dele nós endossamos que, ataque e defesa, são [ao mesmo tempo] *esquiva*. A simulação está para a inteligência lógica, assim como a introversão está para a *esquiva*. A arte marcial é invisível e indestrutível devido a sua *esquiva*. Assim, compreender a prática marcial exige tomarmos, não uma distância aritmética, mas uma distância das próprias medidas. Dessa forma, primeiramente, não há medida para o instante, não se trata da métrica da duração. Trata-se de uma *dobra* (Heidegger, 1998), de um *limiar* (Agamben, 2013), de uma *esquiva* (Bey, 2018), ou, para nós, usando outras imagens indiciais: um estalar, um espirrar, um convulsionar, ou um chicotear.

A partir desta constelação de *imagens remissivas*, sugerimos que pratiquemos até *sentirmos* a dobra entre esquerda e direita. Até sentirmos que a esquerda é uma dobra da direita, e, que a direita é uma dobra da esquerda. Caso não, as artes marciais dão seus últimos suspiros. Respirar! “A origem da liberdade está na respiração” (Canetti, 1982, p. 11-12). Mais: não existe defesa ou ataque, e, nem a composição de ambos. Isto porque a própria defesa é ataque, mesmo que, aparentemente, esteja classificada nos manuais de artes marciais dentro do conjunto das defesas. O mesmo se dá em todo ataque! Corpo vibrátil (Rolnik, 2017)! Neste exercício, Nietzsche introveria os artistas marciais como *agons artísticos*.

Nós lemos o *simultâneo* citado, fora da junção de duas coisas. Partimos da sinalização do próprio Nietzsche, compreendendo uma mistura que se agita ininterruptamente. Como mistura, não estamos mais restritos às oposições (sempre identitárias), mas abertos às diferenças. Nas diferenças, não expressamos apenas oposições como as mãos e os pés: *chute com as mãos, e, soque com os pés*. É possível introver outras partes do corpo, intro-sentindo que *chutamos com a barriga*, ou, que *cotovelamos com os olhos*. Não obstante, estamos à luz do poeta Antoni Artaud (1983, p. 161),⁴ o qual nos adverte no tom do desafio que “se quiserem, podem meter-me numa camisa de força, mas não existe coisa mais inútil que um

⁴ Uma escritura que nos afina intensamente com o que estamos dispomos, e sobre a qual muito podemos aprender, pode ser apreciada na compreensão do Antoni Artaud, do corpo sem órgãos (CsO), aberto na epigrafe deste texto.

órgão. Quando tiverem conseguido um corpo sem órgãos, então o terço liberado dos seus automatismos e devolvido sua verdadeira liberdade”.

Misturas, agitações, ou lutas persistem por aí afora, ininterruptamente, eternamente, em um tipo de rede de corpos sem órgãos. Instante e eternidade, duração finita e duração infinita são para Nietzsche dois lutadores em introvisão, e não em intelecção que, como sabemos, depende de um fosso, mesmo que mínimo, instantâneo. No entanto, não há métrica, há intensidade, vibração, excesso, dispêndio. *A luta persiste pela eternidade afora* (zonas esquivas), ou seja, não apenas entre ataque e defesa, não apenas entre nós ditos humanos, o que nos impõe enunciar que...

A arte marcial assinala o gesto do in-humano

Nas artes marciais a natureza ensina. Notoriamente, não se trata de um ensinamento direto, cabe ao olho humano minerar posturas diversas; geralmente louva-deuses, tigres, serpentes e garças, ou, rios, trovões e palmeiras. A torto e a direito⁵, a forma humana é tratada como a soma de toda fauna e flora. Uma forma plástica que pode escolher ou não um comportamento animal. Assim, podemos, sem que percebamos, agir como formigas, ou, podemos nos inspirar na macaca rainha para inverter hierarquias arbitrárias (Franqueto, 2022). Podemos aprender a sermos serenos como um lago, fluidos como os rios ou explosivos como os vulcões.

Tigres, lagos, ratos, escorpiões, flores, luz e sombra são sempre menos que a forma humana. Notoriamente, vemos a forma humana expressando uma miríade de formas de vida (animada ou não). É o artista marcial que expressa a forma da garça, do tigre, da serpente... Estados mentais e corporais são mensurados cientificamente, onde se destacam a sociologia, a fisioterapia e a psicologia. Tudo se passa na consideração das propriedades *fixas* da natureza, e, adaptáveis/*fluidas* dos humanos. Certamente, não estamos a torto e a direito. Já percebemos que o afeto artístico nos possibilita uma miríade de formas, mas, apenas aí residindo, não sentimos a força, não nos abrimos às sensações (Rolnik, 2017). É o que nos assinala o filósofo sul-coreano, Byung-Chul Han, com a descrição de um cavalo muito esperto. Ele nos conta que

⁵ Com a expressão *a torto e a direito* buscamos expor os limites de uma compreensão pré-virada ontológica, onde os animais não nos dizem nada sobre pedagogia, nada podem nos ensinar. Em vista desta possibilidade, este tema encontra-se à vizinhança dos *Estudos Animais*, e, do *Perspectivismo Multiespécie*, dentro dos quais nos aliamos.

No início do século XX, um cavalo alemão alcançou fama mundial. Supostamente, ele podia fazer contas. Ele se tornou conhecido como “Hans esperto”. Ele respondia corretamente as questões simples de cálculo com o casco ou com a cabeça. Assim, ele batia oito vezes com o [seu] casco quando se fazia a ele a pergunta “Quanto é 3 mais 8?” Para esclarecer esse acontecimento incrível empregou-se até mesmo uma comissão de cientistas, na qual também devia estar incluso um filósofo. Eles descobriram que o cavalo não podia fazer contas. Ele, todavia, tinha condições de interpretar nuances sutis na expressão facial e na linguagem corporal de suas contrapartes humanas. Evidentemente, ele registrava com uma sensibilidade sutil que o público presente adquiriria involuntariamente uma *postura tensa* antes da batida de casco decisiva. Com essa *tensão perceptível*, o cavalo parava de bater [o casco]. Assim, ele sempre dava a resposta certa (Han, 2018, p. 43-44, *grifos nossos*).

Han-S nos alerta sobre a perda da sensibilidade, de formas *não-verbais* como expressões faciais e gestos corporais que não designam a proximidade corporal, mas a pluridimensionalidade da percepção humana (tensões). Certamente, mas não aritmeticamente, Hans não nos ensina a cavalgar, mas a sua andança. Com seu casco, ele nos diz, à luz do Wittgenstein (2009, §107, tradução nossa), que se “queremos andar. Então, precisamos do atrito”. É preciso tensionar; perceber voltagens; poetizar/abrir tensões.

Em outras palavras, estamos voltando, ou retornando, à origem da força que existe dentro de cada um de nós. Se tivéssemos que desenvolver uma nova força somente através da ginástica ou de práticas físicas, essa força originada a partir da ginástica, por assim dizer, não teria qualquer força mental para reforçá-la e tenderia ao colapso. Mas o tipo de força a que estamos nos referindo aqui é conhecida como força no sentido pleno da palavra, a força do destemor (*jigme* em tibetano). Não ter medo é ter muita força. *A concretização da coragem é a arte marcial genuína* (Trungpa, 2016, p. 49 *grifos nossos*).

Genuinamente, a arte marcial concretiza força/coragem. No Tibete, terra natal do Chögyam Trungpa, o cavalo, atmosfera força/coragem, e, referido ao *Sol do Grande Leste* gerou, para este povo, a compreensão potente de *Lungta* (cavalo-de-vento) (Menezes, 2021). Trata-se, na “prática do cavalo de vento” de “um processo de encorajamento”, “de invocar o cavalo de vento [que] começa com sentar-se” (Trungpa Rinpoche, 2016, p. 113). Sentar-se... nunca nos indica acomodar-se na cadeira, no chão, ou no cavalo para galopá-lo. O *Lungta* expressa o caminho do guerreiro, assinalando um ir-e-vir selvagem, invocação do “*tocar e partir*”, acavalhar-se (Trungpa Rinpoche, 2016, p. 12).

Na poética do combate, abdica-se do molde para modelar, e somente isso. Não nos é, e não me foi estranho que, no mais das vezes, assumimos um ponto de vista comparativo, nos medindo pelo metro de alguém, seja uma pessoa, um animal, uma pedra ou um manual. Uma divisão se instala, cá estou eu e lá está o outro. A saga do ajuste de contas nem sempre ocorre em curto espaço de tempo [cronos]: uns se amoldam brevemente, como se tivessem nascido para isso; já outros, ardem e à flor da pele cruzam os braços, ou, dão d’ombros. Mas...

sereniza o *Dasein*, não importa qual dos dois nos pese, porque neles já nos esquecemos que “modelo” nem sempre é um “o que”, um molde, mas, um “modo”, um modelar – um “estar-liberto” aos caminhos do “inquieto vaivém” (Heidegger, 2000, p. 45-51).

Na escola de artes marciais, podemos encontrar aqueles que nos enjoam, e aqueles que nos deliciam... cá está a delícia, lá está o verme. Mas, contra a mania de contar e ranquear, o que se gosta e o que não se gosta, o que convém e o que não convém, marteladas na cabeça ecoam que *em cada instante, a luz e a sombra, o doce e o amargo, estão juntos e ligados um ao outro como dois lutadores*. Se ao combate nos dirigimos, exige-se “colocar em quarentena as divisões ontológicas dominantes na filosofia ocidental que supõem uma oposição abissal entre *geos* e *bios*, e cujo fio articulador reside na compreensão de que a agência diz respeito a uma capacidade exclusiva dos humanos” (Freitas, 2020, p. 03).

Seguindo esta orientação, Elsa Dorlin em *Autodefesa: uma filosofia da violência* (2020, p. 31-32) nos dispõe que a prática marcial é *proteiforme*, é *improvisação*: qualquer objeto pode ser utilizado como arma para defesa sem ser reconhecido como tal, como enxadas, canetas, livros, copos, celulares, pé, mão, cabelo, bigode, unhas e outros objetos ainda não caracterizados no quadro curricular, no universo das artes marciais (no mundo das formas; na indústria cultural; no currículo formal...). Nós, à sombra de Elsa Dorlin, afirmamos que, ambos, foram esquecidos em nome de uma pulsão classificadora, jurídica das armas utilizadas para a defesa de si. Essa pulsão visa determinar quem tem o direito de si defender, de dispor de alguma arma, e, quem está excluído desse privilégio.

O que se busca com os corpos armados, assim como o corpo enquanto arma, é desarmá-los. O primeiro passo é fazer as distinções entre o que é, e o que não é uma arma – uma ferramenta não é uma arma, um smartphone não é uma peixeira. Aqui, já temos a imposição de um limite às artes marciais: é preciso que elas sejam planejadas, visíveis, uniformes e abaláveis. É contra o controle dos corpos que nos *esquivamos*, a fim de que as artes marciais existam na vida (respirem), não apenas na academia, na escola, no tatame, no ringue, na associação ou em qualquer lugar previsível a prática marcial curricular formal. É também preciso nos esquivarmos da redução delas à marcialidade e ao esporte (Menezes, 2021). É preciso liberá-la das fronteiras. À proximidade da postura *proteiforme* entre arma e ferramenta nos liberam Deleuze e Guattari (2017), isto, porque, eles nos dizem que

É verdade que as armas de arremesso, estritamente falando, projetadas ou projetantes, não passam de uma espécie entre outras; mas mesmo as armas de mão exigem da mão e do braço um outro uso que as ferramentas, um uso *projetivo* de que testemunham as artes marciais. A ferramenta, ao contrário, seria muito mais

introceptiva, *introjetiva*: ela prepara uma matéria à distância para trazê-la a um estado de equilíbrio ou adequá-la a uma forma de inferioridade. Nos dois casos, existe a ação à distância, mas num caso é *centrífuga*, e no outro, *centrípeta*. Diríamos, do mesmo modo, que a ferramenta se encontra diante de *resistências*, a *vencer* ou a utilizar, ao passo que a arma se encontra diante de *revides*, a *evitar* ou a inventar (Deleuze; Guattari, 2017, p. 77-78, *grifos nossos*).

As artes marciais, para Deleuze e Guattari, testemunham uma mobilidade projetiva-introjetiva, centrífuga-centrípeta, na qual ferramenta é arma, e, arma é ferramenta num jogo de resistências e revides. E esta é a maior infelicidade dos soberanos que eu pude acolher na arte marcial com o devir da diferença, mesmo incompreendendo e recebendo equivocadamente todo seu devir. A soberania não me deixava em paz, exigindo sempre uma didática ranqueada que nada mais fazia que praticar o *máximo de eficiência com o mínimo de dispêndio* – espectro da técnica vulgarmente entendida (Heidegger, 2010).

As artes marciais sempre subordinaram as armas à velocidade, primeiramente à velocidade mental (absoluta); mas, através disso, eram também as artes do suspense e da imobilidade. O afecto percorre esses extremos. Por isso as artes marciais não invocam um *código*, como uma questão de Fitado, mas *caminhos*, que são outras tantas vias do afecto; nesses caminhos, aprende-se a “desservir-se” das armas tanto quanto servir-se delas, como se a potência e a cultura do afecto fossem o verdadeiro objetivo do agenciamento, a arma sendo apenas meio provisório. Aprender a desfazer, e a desfazer-se, é próprio da máquina de guerra: o “não-fazer” do guerreiro, desfazer o sujeito (Deleuze; Guattari, 2017, p. 85).

Nas artes marciais, o afecto percorre velocidade-e-imobilidade; não havendo código, trata-se apenas de caminhos nos quais, aprende-se a desfazer e a desfazer-se, aprende-se o não-fazer do guerreiro no jogo do servir-se e desservir-se. O artista marcial é *expressão* destes caminhos. Nesta trilha, não se trata “do dizer e enunciar humanos” sobre os quais teorias, doutrinas de pensamentos, ou edifícios doutrinários expõem toda sua opulência. Trata-se de um *logos* in-humano muito pobre, onde lhe cabe apenas “uma ‘ação’ que é, *ao mesmo tempo*⁶, um ‘deixar’” (Heidegger, 1998, p. 287 e 289, *grifo nosso*).

É *mel*, ao mesmo tempo, *amargo e doce*, e o *próprio mundo é um jarro cheio de uma mistura que tem de agitar-se constantemente*. Martelo e bigorna faíscam o gesto destituente da formação humana. Como nos sinaliza Alexandre de Freitas (2019, p. 637, *grifo nosso*), o “nosso presente está a exigir, com crescente vigor, uma perspectiva filosófico-educacional que tenha a *coragem* de se valer de um exercício de [...] destituição do eu para aumentar a voltagem de nossos conceitos e de nossas práticas”. Nestes termos, uma poética da voltagem

⁶ Para um aprofundamento da noção de tempo na compreensão do Heidegger em um contexto filosófico-educacional, ver *Tempo, acontecimento e formação humana: contribuições do pensamento de Martin Heidegger para um tempo formativo inoperante* (cf. Lopes, 2020).

nos assinala o espaço que ocupamos pelo tempo que vivemos. Se aprendi algo nessa vida, é que não se tem tempo para tudo – se esse tudo for um *o quê!* Para ser um bom combatente é preciso escolher, não todos os gestos, mas apenas aqueles “mais frequentemente utilizáveis na luta”, alguns que “possamos recorrer a eles toda vez que a ocasião [o *kairós*] se apresentar” (Foucault, 2006, p. 283).

É nesse sentido que lemos em Foucault que a “experiência limite, *se faz e se desfaz* no excesso que a transgride”. Transgressão e linha... não estão um para o outro como o cheio está para o vazio. O gesto violento desse jogo é de “uma relação em espiral que nenhuma infração pode extinguir”, “nenhum conteúdo pode prendê-la”. Nenhum movimento dialético, nenhuma análise das constituições, ou nenhuma trilha transcendental pode nos ajudar a pensar ou acessar tal experiência (Foucault, 2001, p. 31 e 33). Atentemos a situação aqui disposta repetidas vezes... Não se trata de duas relações separadas, uma para o que vai e outra para o que vem. Mas uma relação assinalada por uma “dobra peculiar”, uma “dobra simples”, que não é um duplo, uma duplicidade, um contraposto a ser endireitado dialeticamente (Heidegger, 1998, p. 350).

O simples da dobra anuncia uma fissura (fenda, abertura) que, mais uma vez, “não possui origem humana” – “Assim se define o *ek-stasis* ontológico do ser-aí humano, seu copertencimento *a cada situação vivida*. A presença em si mesma é INUMANA” (Tiqqun, 2019, p. 186). A simplicidade desta relação é recusada por um pensamento calculador, que a subsume em “representações comuns de um sujeito humano, cuja subjetividade deve ajustar-se correta ou equivocadamente com o objetivo” (Heidegger, 1998, p. 350). Assim, no percalço da face *proteiforme* – *protei* assinala a divindade grega capaz de metamorfose (Proteu) –, mítica das artes marciais,

Para reconquistar um mito, não é preciso retroceder, ele ressurgue quando o tempo treme até as bases sob o império do extremo perigo. Artes marciais e técnicas de ponta só valem à medida que possibilitam reunir massas operárias e guerreiras de um tipo novo. Linha de fuga comum da arma e da ferramenta: uma pura possibilidade, uma mutação (Deleuze; Guattari, 2017, p. 89).

Quando o *tempo treme* até o talo, sublinhando a comum condição humana *mirabile dictu*: “Quem tem cu tem medo” (Viveiros de Castro, 2011, p. 890), é preciso cuidado para não se resignar aos trajetos da fortuna, mas para afrontá-los com uma audácia combativa de corpo-alma. Todo gesto escolhido não opera meramente uma *crítica* social, mas um *enfrentamento* das adversidades, uma experiência educativa que tende mais à criação de um espaço para respirar. Linha de fuga comum que nos colocam à prova/mutação de carne e

OSSOS.

Sangue, pedras e ossos... o combate já começou, contra a pulsão classificadora das armas utilizadas, aprendemos/ensinamos que qualquer elemento pode ser utilizado no combate como enxadas, livros, palavras, cabelo, pés, dedos, dentes, xícaras... Na mitopoética de *Shambhala*, vento, fogo, vírus, plantas, bigode, dragões ou canetas pensam, sentem, ensinam e agem. Educação guerreira para artistas marciais mágicos (Menezes, 2021).

Deixamos nossa terra natal, nossos bens e nossos amigos. Abandonamos o território conhecido que dá sustentação ao nosso ego, reconhecemos a importância do ego em controlar seu mundo particular e em proteger-se. Renunciamos aos nossos apegos à superioridade e à autopreservação. Contudo, refugiar-se não quer dizer nos tornarmos dependentes de nosso mestre, da comunidade ou das escrituras. Significa renunciar à busca de um lar, tornar-se um refugiado, uma pessoa só, que deve contar consigo mesma. Um mestre, um companheiro de jornada ou as escrituras podem nos indicar, como num mapa, o lugar onde estamos e então aonde poderíamos ir, mas temos de fazer a viagem por nós mesmos. No fundo, ninguém pode nos ajudar. Se procurarmos atenuar nossa solidão, seremos desviados do caminho (Trungpa Rinpoche, 1997, p. 111).

Para deixar nossa terra natal, bens e amigos, é preciso não apenas aquele gesto pedagógico da doação, mas, sobretudo este de agora, o do abandono, da renúncia. E, para tanto, é fundamental aprender a *soltar*. Para um(a) meditante, um(a) guerrilheiro(a) ontologista, ou, simplesmente, um(a) guerreiro(a) mágico que é o mesmo que dizer de uma pessoa corajosa e educador(a) guerreiro(a), “soltar-se não significa fugir aos limites da vida cotidiana”, tal gesto é muito o contrário disto, tendo mais a ver com “penetrar cada vez mais fundo na vida”, no caminho (Trungpa Rinpoche, 1997, p. 83).

Notas inconclusivas

Hoje, há aproximadamente 40 anos depois de sua primeira estreia nos cinemas e tvs, os problemas sociais do jovem Daniel Lorusso assim como o enjaulamento a que foram submetidas as artes marciais ainda perdura; Apesar de seus ensinamentos terem alcançado uma miríade de lugares: escolas, universidades, spas, academias, praças, ruas, fundos de quintal, revistas, sites, livros, canais, apps e outros meios. Uma miríade de pulsões classificadoras, corpos desarmados de sua proteiformidade.

Não buscamos aqui as razões que ejetaram as artes marciais das cavernas étnicas às miríades de territórios. Nós nos preocupamos com o ensinamento *transterritorial* ou *in*-humano que elas transmitem a partir das posturas de resistência como, a título de exemplo, buscamos demonstrar de modo mais intenso ou rarefeito: o *proteiforme*; o *corpo vibrátil*; a

introvisão; ou o *Lungta*. O artista marcial assume a criação do corpo vibrátil, do corpo sem órgãos, o cultivo do proteiforme, ou a abertura de zonas temporárias. No lugar destas posturas, nem o artesanato nos é possível, devido a devoração compulsiva de personagens-de-imagens, às informações que nos distanciam da diferença. Essa mobilidade não se encontra restrita ao universo humano. Han nos expôs a história de um cavalo, cuja esperteza não se enquadrava intelectivamente, ele assumia uma postura, onde se encontra em jogo perceber tensões, e não números, linhas, enquadramentos. Neste cenário, onde arte marcial é um termo guarda-chuva, um encontro com as poéticas do combate, com o tocar-e-partir não é possível.

A trilha dos indícios-formais nos permite um horizonte remissivo, no qual colocamos em conversa *guerrilheiros ontologistas*, que nos ajudaram a acolher as artes marciais, seja tratando-as diretamente com Dorlin, ou, através de sua atmosfera com Rolnik. Para isto foi necessário zelar a arte marcial enquanto postura, e não como uma categoria, uma roupa que podemos retirar e guardar na gaveta. Em nosso caso, abrimos mais este horizonte, buscando a atmosfera dessa postura nas artes marciais, assumindo *outros modos de respirar*, seja no ocidente, seja no oriente, seja lavando pratos, mostrando um chute, ou redigindo um texto com os guerrilheiros supracitados.

Com eles, buscamos perturbar as malhas atuais do ensino das artes marciais, “liberando demonstrativamente suas fundações” (Heidegger, 2012, p. 43), acentuando que as atividades ordinárias ecoam um ensinamento que *excede* a capacidade humana, e, por nos centrarmos na certeza do que é um ataque e do que é uma defesa, do que é uma arma e do que é uma ferramenta acabamos perdendo, o que podemos chamar de o dispêndio-agonístico do gesto de educar. Buscamos, portanto, *acolher* pedagogicamente o gesto das artes marciais, lido no ocidente com lentes binárias, lentes que circunscrevem abjeção e esquecimento do contexto educacional desta tradição agonística. Para nós, é fundamental continuar *esperando não se sabe o que*, afinal, nas artes marciais “o professor não busca resultados, mas provoca efeitos, os quais são sempre imprevisíveis e inesperados” (Larrosa, 2019, p. 13).

Referências

ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

AGAMBEN, Giorgio. **O Aberto: o homem e o animal**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2022.

ARTAUD, Antonin. **Para acabar com o julgamento de Deus**. Porto Alegre: L&PM, 1983.

BEY, Hakim. **TAZ: zona autônoma temporária**. 2. ed. São Paulo: Conrad, 2018.



CANETTI, Elias. **La província del hombre**. Madri: Taurus, 1982.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**. Capitalismo e esquizofrenia. vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 2017.

DORLIN, Elsa. **Autodefesa**. Uma filosofia da violência. São Paulo: Crocodilo/Ubu Editora, 2020.

FOUCAULT, M. **Ditos & escritos**: Estética, literatura e pintura, música e cinema. VOL.III. Rio de Janeiro: Forence Universitária, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FRANQUETO, Lorena. A Macaca “Rainha” lutou bravamente para virar a líder do grupo. **Socientífica**, [S.l.], 24 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://socientifica.com.br/macaca-rainha-lutou-bravamente-para-virar-a-lider-do-grupo>. Acesso em: 26/01/2022.

FREITAS, Alexandre Simão de. No meio da ontologia havia um vírus: notas acerca de uma abertura cosmopolítica em tempos de pandemia. **Voluntas: Estudos Sobre Schopenhauer**, v. 11, p. 1-8, 2020.

FREITAS, Alexandre Simão de. Corpos alterados, corpos ingovernáveis: cartografias ético-estéticas para segurar o céu pelas diferenças. **Educação e Filosofia (Online)**, v. 33, n. 68, p. 617-642, 2019.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política**: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. 3ª ed. São Paulo, Cortez, 2005. (Coleção Questões da Nossa Época; v. 71).

GOMES, Fabio José Cardias. **O pulo do gato preto**: estudo de três dimensões educacionais das artes-caminhos marciais em uma linhagem de capoeira angolana. 2012. 169 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

HAN, Byung-Chul. **No exame**: Perspectivas do digital. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

HEIDEGGER, Martin. **Heráclito**: a origem do pensamento ocidental: lógica: a doutrina heraclítica do logos. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.

HEIDEGGER, Martin. **Serenidade**. Lisboa: Instituto Piaget, 2000.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes; 2010.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o que**: sobre o ofício de professor. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019. (Coleção Educação: Experiência e Sentido).

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre a experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.



(Coleção Educação: Experiência e Sentido).

LEE, Bruce. **O Tao do Jeet Kune Do**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003.

LIMA, Renata de Camargo. P. Rocha. **O corporar na prática Klauss Vianna**: uma experiência junto aos adolescentes da comunidade do Coque-Recife/PE. 2015. 118f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

LOPES, Gelson A. Lopes Junior. **Tempo, acontecimento e formação humana**: contribuições do pensamento de Martin Heidegger para um tempo formativo inoperante. 2020, 175f. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

MENEZES, Jean da Silva. **As artes marciais como máquina de guerra espiritual**: um estudo da arte marcial mágica em Chögyam Trungpa Rinpoche. 2021. 138f. Dissertação, (Mestrado em Educação) - Centro de Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021.

NIETZSCHE, Friedrich. **O Nascimento da Tragédia ou Helenismo e Pessimismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

PAGNI, Pedro Angelo. A deficiência em sua radicalidade ontológica e suas implicações éticas para as políticas de inclusão escolar. **Educação e Filosofia**, v. 31, n. 63, p. 1443-1474, 2017.

PELBART, Peter Pál. **Ensaio do assombro**. São Paulo: n-1 edições, 2019.

ROLNIK, Suely. Cartografia ou de como pensar com o corpo vibrátil. **Núcleo de Estudos de Subjetividade da PUC**. São Paulo, 1987. Disponível em: <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/pensarvibratil.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2017.

ROLNIK, Suely. **Antropofagia zumbi**. N-1 edições. São Paulo, 2021.

TIQQUN, Olam. **Contribuição para guerra em curso**. São Paulo: n-1 edições, 2019.

TRUNGPA RINPOCHE, Chögyam. **Shambhala**: a trilha sagrada do guerreiro. São Paulo: Cultrix, 1997.

TRUNGPA RINPOCHE, Chögyam. **Sorria para o medo**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2016.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Philosophical Investigations**. Oxford: Wiley-Blackwell, 2009.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Os involuntários da pátria**. São Paulo: n-1. (Série Pandemia), 2016.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. O medo dos outros. **Revista de Antropologia**, v. 54, n. 2, p. 885-917, 2011.



SOBRE O/AS AUTOR/AS

Gelson Antonio. Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Docente colaborador da Universidade Federal de Pernambuco. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8004961904647710>

Renata Lima. Mestra em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2063987396477063>

Jean Menezes. Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco. Docente da Prefeitura de Jaboatão dos Guararapes. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6973462480461839>

Como citar

LOPES, Gelson A. Júnior; LIMA, Renata de Camargo. P. Rocha. MENEZES, Jean da Silva. POÉTICAS DO COMBATE: O gesto pedagógico do ataque e defesa. **Revista Espaço do Currículo**, Pré-publicação/Ahead of Print (AOP), e68495, 2024.